

Decisões ao sabor do mercado

P. 2, 1 JAN 1996

GILBERTO MIRANDA

JORNAL DE BRASÍLIA

A questão da globalização dos mercados é fenômeno da economia mundial que hoje magnetiza a atenção dos analistas nos principais centros financeiros internacionais. O tema também obriga o mundo político a acompanhar a mudança vertiginosa trazida pelos últimos tempos aos sistemas cambiais e financeiros de todos os países do mundo.

A passagem da era dos mercados estanques para a globalização que caracteriza as operações financeiras, cambiais e bursáteis, agora realizadas em velocidades às vezes supersônica, deixa perplexos os dirigentes de instituições tanto multilaterais como nacionais nos países de economia evoluída e naqueles que tentam emergir para o chamado Primeiro Mundo.

Na atualidade, escapa ao Fundo Monetário Internacional o poder de supervisionar de forma eficaz o sistema monetário internacional, cujo funcionamento está sujeito a turbulências, que podem irradiar seus efeitos de um país para outro, abrangendo até mesmo grupos de países.

Nos últimos anos, a crescente internacionalização dos mercados de valores públicos, nos países altamente industrializados, deu origem a transferências financeiras maciças entre as nações de grande poder financeiro. Daí surgiram desequilíbrios que tanto produziram a desvalorização do dólar e a supervalorização do iene, como a brusca mudança no panorama econômico-financeiro mundial foi desencadeada pela formação de capitais financeiros que atingem cifras impressionantes. Trilhões de dólares dançam de um mercado para outro em altas velocidades, atemorizando governos cujas políticas públicas não possuam suficiente solidez para prevenir ameaça grave à estabilidade de suas economias.

Apreciamos o fenômeno a partir de fatos que conhecemos de perto. Há alguns meses, nossa reserva

cambial oscilava em torno de vinte e cinco bilhões de dólares. No momento em que me escrevo sobre o tema, a cifra se aproxima do dobro.

Comparemos essa rápida mudança com a lentidão que é a tônica das negociações com o FMI, quando um país qualquer bate à sua porta em busca de apoio financeiro. A demonstração da mudança no quadro financeiro internacional pode ser vista do ângulo do crescimento veloz do valor em dólares da reserva cambial brasileira.

Nos países em que é promissora a situação econômica, a reconstituição de reservas não mais depende de empréstimos do FMI. Quando concedidos, tais empréstimos normalmente representam aval oferecido a um país que promete fazer ajuste de sua economia, na intenção de voltar a ter acesso ao mercado financeiro internacional.

A globalização dos mercados é, um fato que dispensa condenação ou aplauso. Com o espantoso avanço das tecnologias em Cingapura, ganhar em Hong Kong e perder novamente em Tóquio. Tudo isso no espaço de vinte e quatro horas.

O Brasil não está fora desse jogo. As aplicações aqui realizadas ainda não atingiram aqueles valores estonteantes, que invadem os mercados de países desenvolvidos, atraídos por taxas de juros mais compensadoras. Nossa economia ainda não é capaz de absorver volumes situados na casa dos trilhões de dólares.

No entanto, a globalização nos arrastou para a sua esfera gigante. Podemos ter uma medida do efeito no país das operações que se realizam em escala planetária comparando os totais negociados na Bolsa de Valores de São Paulo com os aplicados na Bolsa de Mercadorias e Futuros.

Tomemos as médias diárias das operações nas duas bolsas, no curso de uma semana, para termos indicadores da dimensão dos negócios. Na primeira, a média diária é de

250 milhões de dólares. Na segunda, as aplicações chegam a vinte e cinco bilhões de dólares. Mas esses valores não exprimem uma totalidade, pois há ainda muitos bilhões aplicados em títulos públicos e privados.

Esses dados nos dizem que o Brasil, coloca-se no mercado globalizado como objeto de movimentos positivos ou negativos. Os investidores que manobram com essa montanha de dinheiro no mundo com juros de sete e oito por cento ao ano, no mercado externo, se comparavam com as de 4,3% ao mês, que vigoraram no mercado nacional de títulos públicos, até recentemente. O declínio da nossa taxa básica mensal para menos de três por cento ainda deixa o custo do dinheiro no Brasil em nível muito mais alto do que no exterior.

O traço singular desse quadro se relaciona com a credibilidade do poder público vista pelos investidores. A credibilidade se traduz pela certeza do investidor de que poderá retirar do País o seu dinheiro no momento que desejar. É portanto decisivo o fator confiança que resulta da justeza da política econômico-financeira. Tal significa que, enquanto a política oficial for considerada justa e certa, os capitais continuarão a entrar em nosso mercado. Não oferecerão obstáculos a esse ingresso as restrições que o Governo queira estabelecer, tais como prazos de permanência e aplicações compulsórias de parte de cada inversão em papéis oficiais.

O que importa para o investidor é a aplicação segura que dá a certeza de lucro e de transferência desse lucro para outros mercados. Se não ocorrer turbulência que induza a retiradas bruscas, a estabilidade e o crescimento da reserva de divisas provam que o lucro é de bom nível e que sua transferência não causa inquietação.

■ O senador Gilberto Miranda, do PMDB do Amazonas, preside a Comissão de Assuntos Econômicos do Senado